

DE PÉ DESCALÇO, MENINA!?

Carolina Frasson Sebalhos¹

Terça-feira.

Nem quente nem frio.

A chuva já tinha passado e o sol ainda não chegara.

O vento sopra frio, não o suficiente pra um casaco.

A bota aperta o dedo, a meia furada no pé.

A bolsa então, carrega as duas: meia e bota.

No calcanhar, a pedra.

Na sola do pé, a rua.

Ando descalça em casa, ando descalça na calçada, casa de alguém que não vejo.

Casa de alguém que não me vê.

A poeira brota lá da planta do pé.

Planta que não tem raízes, já que só anda a pé.

E o sentir aflora de dentro. De sentir que já viveu ali.

E também floresce de fora. A saudade de que ainda está por vir.

A pedra meio quente, meio molhada, meio suja, meio turva, antiga. O asfalto, o carro, a faixa de pedestre, atravessa no meio da rua. O canteiro de terra, a terra pra fora, a folha que brota do meio e do canto. A árvore que pia, que suja, que canta, ensurdece e seduz quem passa na rua.

Do sul do sul, da planta do pé. De baixo do globo, do alto do mapa.



¹ Arquiteta e Urbanista, Mestra em Arquitetura e Urbanismo.